

EIXO: PROPOSIÇÃO

O TAROT DO PROJECTO

relato do início de uma investigação para

um Alfabeto de Imagens Arquetípicas do Processo Criativo do Projecto de Arquitectura

Joana Henriques Ribeiro

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Campus de Azurém, 4800-058 Guimarães, Portugal

joanar@arquitectura.uminho.pt

Resumo

Projectar é, como se costuma dizer, *lançar para frente*, tal como o arqueiro que lança uma flecha. Projectar é então a *experiência* em si. Mas o que há antes que permite que essa experiência ocorra? E que tem de acontecer para que se possa falar de um '*aprender a projectar*'? Como acontece essa transformação *entre o que não se sabe e que se passa a saber* e como a podemos ilustrar?

Neste artigo proponho uma resposta a este conjunto de questões utilizando como apoio uma linguagem arquetípica ancestral – os Arcanos Maiores do Tarot.

Palavras-chave: Criatividade / Processo / Aprendizagem

Eixo: Proposição

Abstract

To plan means, you might say, to *send forth*, as in shooting an arrow from a bow. Thence to plan means the *experience* within that movement. But what is it that lies before the happening of such an experience? And what is it that needs to occur in order for one to speak of '*learning how to plan*'? How does such a transformation happen *between that which you know nothing about but suddenly become capable of being known*? And how could you illustrate such a transformation?

In this article I propose an answer to this ensemble of questions through the usage of an ancestral and archetypal language – that of the Tarot Major Arcana.

Keywords: Creativity / Process / Learning

Axis: Proposition

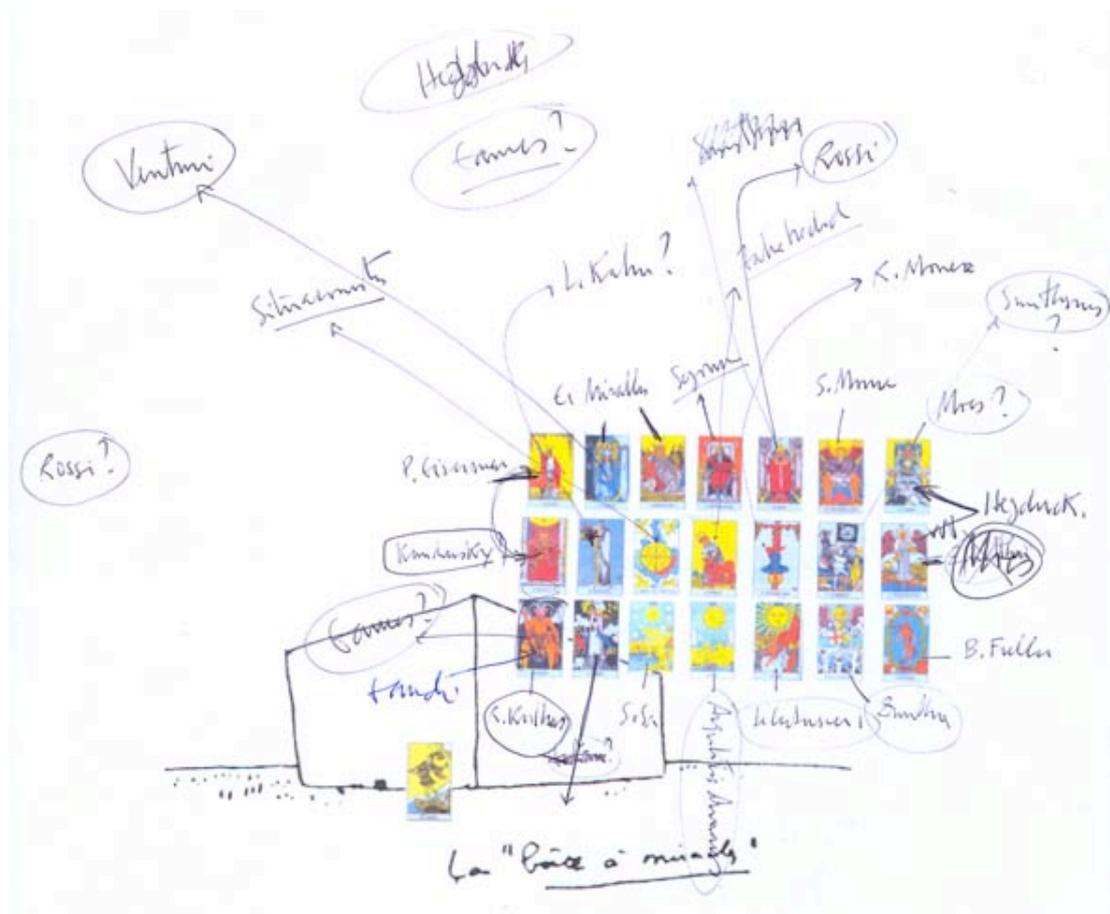
Resumen

Proyectar es, como dicen, *lanzar hacia adelante*, como el arquero que lanza una flecha. Siendo así, proyectar es la *experiencia* en si. Pero, ¿qué ocurre antes que permite que esta experiencia se produzca? ¿E qué tiene que suceder para podemos hablar de un '*aprender a proyectar*'? ¿Como ocurre esta transformación *entre lo que no se sabe y lo que se pasa a saber* y cómo se puede ilustrar?

En este artículo propongo una respuesta a este conjunto de cuestiones soportada por un lenguaje arquetípico ancestral - los Arcanos Mayores del Tarot.

Palabras-llave: Creatividad/ Proceso / Aprendizaje

Eje: Proposición



O Tarot do Projecto / esboço de trabalho

(* uma percepção pessoal *)

Depois de um tempo largo a lidarmos com algo de um modo repetitivo e intenso fica presente (*em maior ou menor grau*) a 'imagem' daquilo que se repete – aquilo que somos capazes de relacionar como sendo acontecimentos do mesmo tipo. *Que momento de um projecto é esse? De que está a falar aquele arquitecto? Porque bloqueou aquele aluno?* A resposta a estas perguntas de temática tão diferenciada pode ser a mesma, pode tudo convergir para um mesmo 'acontecimento-tipo'. Quando aprofundados e sintetizados os 'acontecimentos-tipo' convertem-se em arquétipos, uma espécie de imagens primordiais para o qual tudo converge. O mais correcto seria dizer que os arquétipos já lá estão – arquétipo, do grego *ache typon* / padrão original.¹ Os arquétipos são a imagem afinada de uma percepção, são a 'escala musical' dos acontecimentos.

¹ Sobre interpretações da palavra ao longo da história ver p. exemplo Wilber, Ken; Graça e Coragem; 2006

(* tema *)

‘*O Tarot do Projecto*’ é o título de um projecto de doutoramento que se encontra no início da sua investigação. Nesse projecto proponho-me a construir um ‘olhar de novo’ para o processo criativo do Projecto de Arquitectura a partir de uma linguagem arquetípica ancestral – os Arcanos Maiores do Tarot.² Pretendo mostrar como essas 21 imagens arquetípicas³ podem servir de leitura do processo de aprendizagem do Projecto; e de modo inverso, como todos os momentos chave do processo de aprendizagem do Projecto podem ser ilustrados / explicados / iluminados por esses arquétipos. Para o efeito vou utilizar uma série de histórias em torno do processo de trabalho de ‘grandes mestres’ - um conjunto, que quando concluído, deverá formar uma espécie de meta-narrativa, um *Alfabeto de Imagens Arquetípicas do Processo Criativo da Arquitectura*.⁴ A resposta a este desafio lançado pela ‘Projectar 2009’ correspondeu a uma identificação entre esta temática e o texto que apoia o Eixo 4 do congresso sob o tema de ‘Proposição’.⁵ Projectar é, como se costuma dizer, *lançar para frente*, tal como o arqueiro que lança uma flecha. Projectar é então a *experiência* em si. Mas o que há antes que permite que essa experiência ocorra? E que tem de acontecer para que se possa falar de um *aprender a projectar*? Como pode o Tarot ajudar-nos a compreender o processo criativo de uma área tão distinta como a Arquitectura?

(* o processo de aprendizagem no Tarot *)

Na sua versão mais comum os Arcanos Maiores do Tarot são apresentados numa sequência de figuras arquetípicas que vai desde *o Mago* (arquétipo I) a *o Mundo* (arquétipo

² Projecto de Doutoramento sob a orientação de Gonçalo M. Tavares e co-orientação de Maria Manuel Oliveira aprovado em Março 2009 pela Escola de Arquitectura da Universidade do Minho.

³ 21 Arcanos Maiores + 1 - O Louco; para já não contemplado por não fazer parte da narrativa.

⁴ É comum a referencia aos arcanos maiores do Tarot como um alfabeto. Note-se a semelhança entre o número de letras de um alfabeto e o número de cartas dos arcanos maiores.

⁵ “Pro-jetar, ou seja, lançar ou impulsionar para adiante. Avançar e antecipar, ou seja, prever e predispor”⁷. “Audácia não é temeridade ou imprudência gratuita, mas inovação e risco calculado com precisão e decisão”⁸. “Propor uma nova forma de pensar o projeto que, logicamente, se confunde com uma nova forma de pensar a pedagogia do projeto” in <http://www3.mackenzie.br/ocs/index.php/Projctar2009/FAUM/schedConf/trackPolicies>

XXI).⁶ Na primeira carta uma figura olha um esfera (algo que está fora de si), e na última uma outra figura está inserida nessa esfera (uma integração). Para além da sua usual conotação como ‘ferramenta de adivinhação’ os 21 arquétipos do Tarot desenham uma narrativa que ilustra os momentos inerentes a um qualquer processo de aprendizagem.⁷ Entre a primeira e a última carta dá-se a passagem entre algo que se apresenta e algo que é integrado - apreendido. As 21 cartas são organizadas numa estrutura de 7x3, uma sequência que se torna mais explícita a partir da nomenclatura usada pelo Tarot de Rá.⁸ Seguindo a figura inicial temos a sequência de 7 momentos, na vertical, da esquerda para a direita: a *Matriz* – momento que pode ser interpretado como o limite inerente a qualquer projecto, seu limite ou campo de actuação (arquétipos I, VIII. e XV.); o *Potenciador* – corresponde àquilo que o informa, que potencia a sua complexidade, que o ‘carrega’ de potencial (arquétipos II., IX. e XVI.); o *Catalizador* – associa-se àquilo que despoleta uma ideia, o momento do ‘clac’ (arquétipos III., X. e XVII.); a *Experiência* – no nosso caso, o acto de projectar propriamente dito (arquétipos IV, XI. e XVIII.); o *Significador* – aquilo que vai dar sentido à experiência de projecto vivida (arquétipos V, XII. e XIX.); a *Transformação* – que pode ser a possibilidade do projecto assimilar seu potencial (arquétipos VI, XIII. e XX); a *Concretização* do caminho apontado - o novo nível atingido (arquétipos IV, XI. e XXI). Na sequência horizontal da figura podemos observar esse percurso a ser percorrido 3 vezes, uma estratificação de níveis distintos que o sistema de Rá denomina por – mente, corpo e espírito. A esta sequência podemos fazer equivaler, respectivamente: o modo como os arquitectos pensam e explicam as suas ideias acerca do processo de projecto (arquétipos I a VII); o modo como fazem, como agem, como essas ideias tomam forma (arquétipos VIII a XIV); e sobre o modo como expressa essa forma de projectar (arquétipos XV a XXI).

(* alguns exemplos *)

Se procuramos um arquitecto que enfatiza no seu discurso o momento da ‘origem’ do acto projectual - ou seja, a *Matriz* - lembramo-nos de imediato de Peter Eisenman e sua

⁶ ver, por exemplo, NICHOLS, Sallie; *Jung and Tarot: An Archetypal Journey*; publicação Samuel Weiser Inc.; USA; 1980

⁷ Segundo Jung “as imagens do Tarot derivam dos arquétipos da transformação” in JUNG, Gustav; *The Archetypes and the Collective Unconscious*; 1959

⁸ Sobre o Sistema de Rá ou Tarot Original ver ELKINS, Don; RUECKERT, Carla L.; MC CARTY, James A.; *The Law of One, Book IV*; 1982

ênfase num código primordial ou ‘início dos inícios’.⁹ Aprofundando um pouco este momento podemos talvez situar Eisenman no arquétipo I - *o Mago* - pelo modo mental com que se coloca perante o projecto; para ilustrar a Matriz da personalidade, do ‘modo de fazer’ - *a Justiça* - podia usar-se como exemplo um livro como o *Ponto, Linha, Plano*’ de Kandinsky na sua tentativa de enunciar um código de composição; para a Matriz do espírito – *O Diabo* (que não é mais do que a paixão que nos move quando algo se inicia) podíamos olhar por exemplo para a expressão patente no ‘Delirious New York’ de Rem Koolhaas, um livro que dará o tom da sua posição perante a arquitectura. Prosseguindo com uma abordagem mais genérica apoiada na sequência de 7 para não nos perdermos demasiado na especificidade de cada carta: Quando Enric Miralles refere que começa um projecto *reunindo o material com que vai fazer as coisas*¹⁰ – esse material é o **Potenciador** que lhe surge quando se depara com uma situação de projecto. Quando Álvaro Siza diz que *a ideia está no sítio*,¹¹ Siza está a dizer que para si o sítio é o **Catalizador** de uma ideia de projecto e está a colocar a tónica nesse momento do processo. Kasuyo Sejima por exemplo, refere que *trabalha explorando possibilidades*; e quando lhe perguntam como faz para escolher entre uma das várias possibilidades explica que *escolhe sempre aquela que contém em si mais possibilidades* – situa-se, portanto, no campo da **Experiência** pura. Para ilustrar o momento do **Significador** podemos olhar para escritos como a *‘Autobiografia Científica’* de Aldo Rossi ou *‘Complexidade e Contradição’* de Robert Venturi – livros que são como um olhar retrospectivo que vai dar significado a uma experiência projectual anterior dos autores. O momento de **Transformação** podia ser ilustrado por uma história em torno de Eduardo Souto de Moura – durante anos desenvolveu projectos em que a linguagem arquitectónica se formalizava numa arquitectura de planos enquanto paralelamente tentava uma arquitectura de janelas sempre colocada de parte. A escolha incidia sempre na sua ‘área de conforto’ mas a transformação para um aspecto latente da sua arquitectura verificou-se na sua casa para a Arrábida – uma casa em que as janelas são ocos desenhados sobre muros.¹² A transformação torna-se possível logo que se atribui um significado a uma experiência, e poderá ter sido a compreensão de uma experiência repetida que a proporcionou. Para a

⁹ Ver por exemplo EISENMAN, Peter; *La fine del Clássico e altri scritti*; Venezia; CLUVA Editrice, 1987

¹⁰ El CROQUIS #30+49/50+72(11)+100/101: Enric Miralles 1983 - 2000: Mental Maps and Social Landscapes;

¹¹ *ÁLVARO Siza, Escritos*; ed. Carles Muro; UPC; Barcelona; 1994

¹² Tal como relatado em ‘O que Aprendi com a Arquitectura’, uma conferencia assistida em Maio 2009 em Guimarães e que E.S.M. já deu em diversos locais.

Concretização, o último passo desta sequência de 7 lembro uma história que ouvi recentemente em torno de um grande arquitecto brasileiro, Paulo Mendes Rocha. Numa conferência o seu engenheiro de estruturas para o Museu dos Coches¹³ em Lisboa contava o modo como o arquitecto concebeu a ideia para o projecto: o museu precisaria de um espaço de cerca de 10-12 metros de pé-direito, a abertura necessária para passar seria de 2-3 metros o que representava cerca de 8-10 metros de altura possível de uma viga parede (valores que serão aproximados ao que consigo recordar). Essa altura determina para o arquitecto o número de pilares necessários ao longo de toda a longitude – apenas 2. Todo o raciocínio de elaboração do projecto é colocado no momento da sua concretização efectiva – um contraste evidente com os exemplos anteriormente apresentados. Poderíamos também terminar lembrando Buckminster Fuller, um arquitecto que teve a sua vida toda dirigida para a execução da cúpula geodésica, num princípio estrutural que enunciou logo na escola primária com um jogo de palitos e uvas.¹⁴ O arquétipo para Buckminster Fuller poderia ser a última carta – *O Mundo*, a Concretização do espírito; uma carta bem a propósito de uma das coisas que mais vezes repetiu – que estamos todos a bordo na ‘Nave Espacial Terra’, uma nave para a qual escreveu até um manual de instruções.¹⁵

(* alfabeto de imagens *)

O que significam então estes exemplos, como os podemos interpretar ? Estou a tentar identificar cada arquitecto com um arquétipo do Tarot, tentando colocar em evidência um modo de operar que lhe é próprio. Ao mesmo tempo estou a defender a ideia que esta sequência de 7 momentos pode servir de ilustração para qualquer processo criativo. Esta divergência é apenas aparente: ao associar cada arquitecto com um arquétipo estou a tentar identificar a sua ‘mestria’, aquilo que com esse arquitecto mais podemos aprender; mas no seu próprio processo criativo cada arquitecto percorre de um modo ou outro os mesmos passos. Quando por exemplo Siza diz que *a ideia está no sítio*, Siza refere-se a um momento *Catalizador* – muitos podem ir ao sítio, pode dizer-se, e não encontram nada.

¹³ Rui Furtado in Jornadas Tecnológicas, DAUM, Guimarães, Abril 2009

¹⁴ ver "Buckminster Fuller: Thinking Out Loud", um documentário VHS

¹⁵ FULLER, R. Buckminster; *Operating Manual for the Spaceship Earth*; Southern Illinois University Press; 1969

Embora não o refira sabemos que Siza encontra ideias no sítio, entre outras razões, porque contém em si um *potencial* acumulado de percepções sobre as relações entre os lugares e a arquitectura. E embora não o refira também Siza, tal como todos os arquitectos, tem uma forma particular de ver a arquitectura - uma *matriz* que condiciona toda a sua forma de actuação. O ‘encontro com o sítio’ será contudo para Siza (*pelo menos nesta sua frase de 1978*) aquilo que vai despoletar uma experiência projectual. A razão pela qual este momento de catálise a que se refere Siza é sempre para todos nós tão misterioso (como aparece uma ideia ?) é porque ele não corresponde a um momento de especial esforço – é um momento de soltar. Ao ‘soltar’ entra em acção a potência que temos acumulada, tenha sido este potencial acumulado por um acto premeditado e consciente (como o fazia Enric Miralles), ou seja esse potencial o resultado de uma relação mais constante com a vida (como parece acontecer com Siza). Ilustrando isto com os 4 primeiros momentos da sequência a partir da metáfora inicial: se Projectar é esse *lançar para a frente*, tal como o arqueiro que lança uma flecha, a *Matriz* será o equivalente a estarmos na posse de um arco e uma flecha; o *Potenciador* é o puxar da flecha deixando o arco na sua máxima tensão; o *Catalizador* é o momento do soltar; e a *Experiência* é então o percurso que faz a flecha até atingir o alvo.¹⁶ Esta sequência de 4 momentos iniciais que conduzem ao acto projectual pode no entanto ser infinitamente percorrida com um gesto automático – sem que nada de novo se apre-enda. Os 3 últimos momentos ilustram aquilo que deverá acontecer para que uma aprendizagem se dê, um processo que funciona em ‘espelho’ em relação aos momentos iniciais: o *Significador* é o devolver do olhar sobre o que catalizou a experiência; a *Transformação* é a assimilação do potencial; e a *Concretização* é a abertura para uma Matriz uma oitava acima, um outro grau de aprendizagem.

(* teoria da prática *)

Une-nos a alguns o interesse pela arquitectura e talvez aquilo que verdadeiramente nos entusiasma é aquilo que torna única a nossa percepção. O que nos interessa funciona

¹⁶ a metáfora do arqueiro foi utilizada pelo meu professor de Tarot André Louro de Almeida (<http://www.iridia-lumina.org/cursos-Ra.html>), para explicar a sequencia dos 3 momentos iniciais do Sistema de Rá. A essa metáfora associei o acto de projectar.

como uma espécie de filtro de percepção daquilo que nos rodeia – um filtro que forma nada mais do que a nossa forma particular de ver as coisas. No meu interesse pelo processo criativo, acumulei durante anos informação sobre o modo como cada arquitecto se coloca face a um projecto de arquitectura. A prática do ensino aumentou o interesse por este tema mas a dificuldade esteve essencialmente na transmissão do ‘como fazer’. Experimentei mostrar lado a lado essas visões, esperando que do outro lado surgisse uma identificação – como se ao apresentar aos alunos as possibilidades lhes competisse a eles escolher. Não fez grande sentido como apoio a uma prática projectual – era uma teoria sobre a prática mas contudo desligada do ritmo próprio da prática. O deparar-me com a sequência dos Arcanos Maiores do Tarot foi como o encontrar de um arquivado super-complexo e organizado. De repente deu-se a experiência de uma data de informação acumulada de um modo disperso encontrar o seu lugar particular. Um dos potenciais das imagens arquetípicas está na sua capacidade de libertar informação arquivada. Uma especificidade das imagens arquetípicas do Tarot está nas inter-relações entre as cartas e a composição de sentidos narrativos em várias dimensões. Uma grande quantidade de informação integrou-se numa sequência organizada associada aos passos de um processo criativo. Talvez isto seja uma hipótese de integração entre a teoria e a prática – uma forma da informação apoiar a prática do projecto no seu momento específico.

(* para terminar *)

Ítalo Calvino refere, no seu ‘Começar e Acabar’, a dificuldade da passagem para “um mundo verbal” - *“Lá fora, antes do início, existe ou supõe-se que exista um mundo completamente diferente, o mundo não escrito, um mundo vivido ou vivível. Passado esse limiar entra-se noutra mundo (...)”*¹⁷ Comecei com uma imagem síntese do tema que tentei apresentar e com uma descrição de uma tendência a pensar por padrões. Cheguei a pensar que seria mais fácil fazer uma pintura impressionista daquilo que queria transmitir. No Tarot encontrei uma bengala que conjuga um mundo de imagens com o fio condutor de uma narrativa. Já perdi a conta a quantas vezes me terei apoiado nessa narrativa para redigir este artigo.

¹⁷ In *Seis Propostas para o próximo milénio*, Após a redacção deste paper veio-me ao encontro um livro de Italo Calvino com uma série de contos redigidos a partir da tiragem de cartas do Tarot – *O Castelo dos Destinos Cruzados*.

Bibliografia

(base)

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain; *Dictionnaire des Symboles – Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*; Éditions Robert Laffont et Editions Júpiter, Paris, 1982
- ELKINS, Don; RUECKERT, Carla L.; MC CARTY, James A.; *The Law of One, Book IV*; 1982
- JUNG, Gustav; *The Archetypes and the Collective Unconscious*; 1959
- NICHOLS, Sallie; *Jung and Tarot: An Archetypal Journey*; publicação Samuel Weiser Inc.; USA; 1980
- WILBER, Ken; *Graça e Coragem*; Estrela Polar; 2006

(dos exemplos, um resumo)

- ÁLVARO Siza, *Escrits*, ed. Carles Muro; UPC; Barcelona; 1994
- BUCKMINSTER Fuller: *Thinking Out Loud*; um documentário VHS
- EISENMAN, Peter; *La fine del Clássico e altri scritti*; Venezia; CLUVA Editrice, 1987
- El CROQUIS #30+49/ 50+72(11)+100/ 101: *Enric Miralles 1983 - 2000: Mental Maps and Social Landscapes*;
- El CROQUIS #77(1)+99+121/ 122; *SEJIMA NISHIZAWA SANAA 1983-2004*
- FULLER, R. Buckminster; *Operating Manual for the Spaceship Earth*; Southern Illinois University Press; 1969
- KANDINSKY, Wassily; *Ponto, Linha, Plano*; edições 70; 1996 (ed. original Munique, 1926)
- KOOLHAAS, Rem; *Delirious New York A retroactive Manifesto for Manhattan*; Academy Editions, London, 1978
- MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*, Barcelona, ACTAR, 2004
- ROSSI, Aldo; *Autobiografia Científica*; 1986
- VENTURI, Robert; *Complexity and Contradiction in Architecture*, New York, MOMA, 1966.

(de apoio)

- CALVINO, Italo; *Seis Propostas para o próximo milenio*; Editorial Teorema, Lisboa, 1990

Créditos da Ilustração

Notas de trabalho sobre colagem dos 21+1 arquétipos do Tarot de White sobre 'la boîte à miracles' de Le Corbusier, autoria de Joana Henriques Ribeiro